

# Avaliar trabalhos visuais na escola: entre inquietações e experimentações surgem as fichas avaliativas

*Evaluating visual works at school: Evaluation forms arise from concerns and experiments*

EMANUELE CRISTINA SIEBERT\*

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2017 e aprovado a 29 de maio 2017.

\*Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense, Campus Rio do Sul. Estrada do Redentor, 5665, Rio do Sul — SC, 89163-356. Brasil. E-mail: artemanuele@gmail.com

**Resumo:** As fichas avaliativas surgem da necessidade de avaliar os trabalhos práticos realizados pelos estudantes nas aulas de artes, tendo por base critérios objetivos e evitando assim que a avaliação fosse velada ou baseada em gostos pessoais do professor. O relato dialoga com Hernandez (2000), que aborda a avaliação no ensino das artes visuais e com Bourdieu (2007) que reforça a importância da arte na escola e a realização de trabalhos práticos. O relato contextualiza o cenário escolar em que a proposta foi experienciada e como a ficha foi estruturada, sendo que todos os itens surgiram por necessidades observadas em sala de aula, sendo alguns itens de caracteres organizacionais, disciplinares e outros que reforçavam os conteúdos estudados. As fichas tornaram as avaliações mais rápidas e objetivas, facilitando

**Abstract:** *The evaluative forms emerge from the need to evaluate the practical work done by the students in the art classes, based on objective criteria and thus avoiding that the evaluation was veiled or based on the teacher's personal tastes. The narrative dialogues with Hernandez (2000), who approaches the evaluation in the teaching of the visual arts and with Bourdieu (2007) that reinforces the importance of art in school and the accomplishment of practical works. The report contextualizes the school scenario in which the proposal was experienced and how the form was structured, and all items arose from needs observed in the classroom, some items of organizational, disciplinary and other characteristics reinforcing the contents studied. The evaluative forms made evaluations faster and more objective, facilitating the dialogue between teacher and*

o diálogo entre professor e alunos, orientando e possibilitando que os trabalhos pudessem ser corrigidos ou refeitos, se assim o aluno opta-se. **Palavras-chave:** educação artística / avaliação / prática pedagógica / relato de experiência.

*students, guiding and enabling the work could be corrected or redone if the student chooses.*  
**Keywords:** art education / evaluation / pedagogical practice / experience report.

### **Inquietações e experimentações**

Como avaliar trabalhos visuais por critérios e sem achismos? Qual a concepção de um bom trabalho? Como avaliar os trabalhos visuais produzidos pelos alunos na aula de artes?

Alguns dirão que a avaliação é a verificação do que os alunos aprenderam, outros do trabalho realizado pelo professor e outros ainda se os objetivos propostos foram atingidos. Uma etapa que deve utilizar dos mais diversos instrumentos e que devem ser nítidas para o estudante, pois não basta atribuir uma nota, sem que os critérios sejam evidentes desde o início do processo de aprendizagem. Para Hernández (2000, p.148): “entende-se por avaliação a realização de um conjunto de ações direcionadas ao recolhimento de uma série de dados sobre uma pessoa, fato, situação ou fenômeno, com o fim de emitir um juízo sobre a mesma”.

Um tema já polêmico na área da educação e que é agravado quando se especifica para a avaliação de trabalhos visuais na escola, tais como o desenho e a pintura. Atkinson (1998; 2001) e Efland (2003) alertam que os desenhos, nas aulas de arte, ainda são avaliados tendo por base uma perspectiva formalista, ou seja, as características formais de arte, que remontam princípios do século XX e que são a principal fonte de julgamento do valor estético, quando julgamos uma obra de arte. Esses “princípios” faziam sentido, até surgirem estilos artísticos modernos, tais como abstracionismo, expressionismo, cubismo e pop art.

Lembrando que os trabalhos visuais, resultantes das aulas de artes na escola são chamadas de arte Escolar por Efland (1976), pois trata-se de uma categoria única, encontrada apenas no interior da escola e cuja principal característica é sua natureza obrigatória. Esses trabalhos resultam de projetos de aula, que duram geralmente o tempo de uma aula e seguem as regras definidas pelo professor, sendo totalmente diferente dos trabalhos que os estudantes realizam fora da sala de aula, em seu tempo livre. Bordieu e Darbel (2007:100) reforçam a importância tanto das aulas de arte nas escolas, como a realização de trabalhos práticos, mesmo que por vezes sem muita estrutura física, pois:

*mesmo que a instituição escolar reserve apenas um espaço restrito para o ensino propriamente artístico, mesmo que, portanto, não forneça nem uma incitação específica à prática cultural, nem um corpo de conceitos especificamente adequados às obras de arte plástica, tende, por um lado, a inspirar uma certa familiaridade — constitutiva do sentimento de pertencer ao mundo culto — com o universo da arte em que nos sentimos perfeitamente à vontade e em perfeita harmonia com o autor na qualidade de destinatários titulares de obras que não se revelam a qualquer pessoa. (Bordieu & Darbel, 2007: 100)*

Em minha caminhada docente, o ato de avaliar os trabalhos visuais sempre foi desconfortável e gerava dúvidas quanto aos procedimentos a serem adotados, pois trata-se de uma etapa obrigatória e é uma das atribuições do professor, no qual ele não pode se esquivar e que deve atribuir valores à aprendizagem, sejam elas numéricas ou descritivas: “Uma das crenças que cercam a arte na educação em relação aos conhecimentos vinculados às artes visuais é a de que não se possa, que não tenha sentido, avalia-los” (Hernandez, 2000:144).

Algumas situações, comuns à realidade escolar, agravaram ainda mais esse desconforto, mas ao mesmo tempo fizeram-me com que refletisse mais sobre o assunto e estivesse mais atenta as minhas práticas. A primeira, foi coletando dados para uma pesquisa no mestrado (Siebert, 2010), quando observei as aulas de artes ministradas por uma professora habilitada em Educação Artística, com ênfase em artes plásticas, em uma turma de alunos das oitavas séries, com média de idade de quatorze anos, durante um bimestre. Constatei que durante as aulas observadas, os estudantes que obtinham as notas mais altas, eram os que atendiam ao gosto pessoal do professor e seguiam suas orientações, sendo que lhes era atribuído uma nota; mas o procedimento não era baseado em critérios bem definidos, mas na opinião pessoal do professor, quando este rapidamente olhava o trabalho e atribuía a nota, que poderia ser, segundo o sistema de ensino vigente, o mínimo um e o máximo dez.

Vi nessas práticas, reflexos da minha, por vezes minhas avaliações também eram influenciadas por gostos pessoais, como a pintura com cores vibrantes. Somado a isso, a realidade escolar com quase quarenta alunos por turmas, localizadas em unidades distantes uma da outra e estando a disciplina locada em um curso profissionalizante, dificultava uma avaliação individualizada por portfólios, que tem sido uma das formas de avaliação mais sugeridas para trabalhos visuais. Partindo dessa realidade, surgiram as fichas de avaliação, que objetivavam tornar a avaliação mais objetiva, prática e que reforçasse os conteúdos. As fichas de avaliações foram apresentadas aos estudantes e cada ponto explicado, no qual os estudantes puderam tirar dúvidas antes que iniciassem a

realização das atividades práticas, assim já as realizariam observando as características dos movimentos artísticos de vanguarda estudados.

As fichas foram experienciadas em cinco turmas do ensino médio integrado dos cursos de Agropecuária (Turmas A, B e C) e Agroecologia (turma única), localizadas na Unidade Sede e no curso integrado em Informática (turma única), localizado na unidade urbana, ambas unidades do Instituto Federal de Educação Básica, Técnica e Tecnológica, localizadas em Rio do Sul, no Estado de Santa Catarina, Brasil. Nos cursos integrados, há algumas peculiaridades, pois, os alunos têm disciplinas comuns e no qual a disciplina de arte é obrigatória, além disso, eles têm disciplinas das áreas técnicas que os habilitam para uma profissão. Mesmo no ensino profissional, o currículo do ensino médio regular é realizado de maneira integral, e com isso, a disciplina de artes é obrigatória. As aulas de artes aconteciam apenas no primeiro ano do curso, tendo a frequência de duas aulas semanais com duração de 55 minutos cada aula, tendo em cada turma a média de 35 alunos, totalizando cerca de 180 alunos na instituição que cursavam a disciplina de artes. Os conteúdos programáticos vinham para atender uma demanda, de estudantes originários de várias regiões do Estado de Santa Catarina, ou seja, com caminhadas e experiências distintas em artes, e que ao final dos estudos nesta instituição, fariam o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A disciplina em seus conteúdos programáticos deveria atender a essa demanda e os conteúdos contemplados abrangiam temporalmente da arte moderna até a arte contemporânea.

Somado a isso, algumas situações eram recorrentes durante a realização dos trabalhos práticos, como: cópia de desenhos, estereótipos, não realização de trabalhos durante as aulas, trabalhos que não correspondiam as características do movimento estudado, descuido com a limpeza, armazenamento e desatenção nas orientações.

As aulas eram estruturadas no seguinte formato: contextualização histórica do movimento artístico, visualização das obras artísticas (ressaltando as características visuais), resumo coletivo da contextualização e trabalho prático. Após o estudo de três movimentos artísticos, realizava-se a avaliação escrita, composta por questões objetivas (direcionadas ao exame nacional), dissertativas e de reconhecimento visual (identificar o movimento artístico pelas imagens). Conforme a organização didática da instituição, os valores atribuídos a cada avaliação deveriam ser numéricos, de zero a dez, podendo haver notas decimais.

Com intuito de realizar o trabalho prático durante o período das aulas, propunha que os alunos fizessem pequenas amostras em formato A5, podendo utilizar a técnica e os materiais que na ocasião optassem. Após a realização dos

**FICHA DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO VISUAL**

1- Seguiu as propostas e as instruções dadas pelo professor:  
 Sim     não     em partes

2- Realizou as atividades em sala de aula?  
 Sim     não     em partes

3- As características e as técnicas do período estudado estão contempladas, como:  
 linhas     composição     cores     técnica     materiais

4- O trabalho apresenta-se:  
 original     estereotipado     cópia

5- Os seguintes aspectos estão contemplados:  
 limpeza     acabamento     Organização dos dados

Autoavaliação:     01     02     03     04     05     06     07     08     09     10

Avaliação do professor:  01     02     03     04     05     06     07     08     09     10

Observações:

Curso Técnico Integrado em Agropecuária, Agroecologia e Informática  
 Disciplina: Artes    Profª Emanuele C. Siebert  
 Estudante:  
 Conteúdo: *fauvismo*

**FICHA DE AVALIAÇÃO – PRODUÇÃO ARTÍSTICA**

1- Seguiu a Proposta e as instruções dadas pelo professor:  
 Sim     Não     em partes.

2- Realizou as atividades em sala de aula?  
 Sim     Não     em partes.

3- As características e as técnicas do período estudado estão contempladas, como:  
 Linhas     Composição     Cores     Técnica     Materiais

4- O trabalho apresenta-se:  
 Original     Estereotipado     Cópia

5- Os seguintes aspectos na arte-final estão contemplados:  
 limpeza     Acabamento     Organização dos dados

Auto-avaliação:  01     02     03     04     05     06     07     08     09     10

Avaliação do professor:  01     02     03     04     05     06     07     08     09     10

Observações:

**Figura 1** · Ficha avaliativa com os critérios utilizados para a avaliação, 2017. Fonte: própria.

**Figura 2** · Ficha de avaliação de um estudante, 2015. Fonte: própria.

trabalhos, mas já em posse da ficha avaliativa, que pode ser visualizada na Figura 1, os estudantes colavam as fichas no verso dos trabalhos. Cada item que compunha a ficha surgiu com base em situações que aconteciam em aula e eram recorrentes, algumas não tanto relacionadas ao conteúdo, mas ao cumprimento de prazos e por vezes disciplinar. Durante a realização da prática, os alunos tinham liberdade de sair da sala de aula, escutar música, mudar a posição das mesas, entre outros itens que eram negociados. O objetivo da avaliação dos trabalhos práticos, não era saber se o estudante teria domínio artístico, mas se entendia as características daquele movimento e esse seria o foco da avaliação.

O primeiro item — Seguiu a proposta e as instruções dadas pelo professor? — poderia sofrer alterações, mas seria uma negociação entre professor e estudante e para que o professor se recordasse do acordado, o aluno escreveria no campo observações.

O segundo item perguntava se o aluno realizou o trabalho em sala de aula. Esse item surgiu porque algumas aulas eram dedicadas a produção e por vezes os alunos não as realizavam em sala de aula, que seria um momento de auxiliá-los na realização das atividades e estar presentes quando do surgimento de dúvidas.

Os critérios mencionados no terceiro item avaliava se o aluno havia focado em sua produção as características do movimento artístico estudado, tais como: linhas, composição, cores, técnicas e materiais. Tomando por exemplo o movimento cubista com a composição de um objeto sob diversas perspectivas, predominância de linhas retas e utilização de colagens; ou o Fauvismo onde a forma era simplificada, com cores vibrantes e puras que não correspondiam a realidade, sem preocupação com a perspectiva.

O quarto item questionava se o trabalho apresentado seria original, estereotipado ou uma cópia. Surgiu de o fato recorrente dos estudantes não tentarem realizar seus próprios desenhos, recorrendo à cópia, principalmente de desenhos em quadrinhos e personagens de desenhos animados, ou limitarem-se aos habituais estereótipos, tais como símbolos de corações, estrelas, corpo humano com estrutura de palitos e outros como sol ou lua com rostos.

Quanto ao quinto item que avaliava aspectos como limpeza, surgiu de a necessidade dos estudantes cuidarem mais dos próprios trabalhos e da forma de apresentação, pois por vezes traziam seus trabalhos amassados, com respingos de gordura, pisados ou com marcas de dedos (mãos sujas). Quanto ao acabamento se referia há alguns aspectos que eles não se preocupavam e eram simples, como a utilização da régua para traçar uma linha reta, a tesoura para cortar a folha (as vezes eles cortavam com a régua e ficavam as rebarbas). A opção de citar “organização dos dados” avaliava se o trabalho estava identificado com

o nome do estudante, turma pertencente e ficha colada, pois era recorrente a entrega de trabalhos sem nome, o que conseqüentemente dificultava meu trabalho como professora. Tal como na Figura 2, a estudante não havia colocado seu nome (depois o fez) e o trabalho prático corresponde na Figura 3.

Geralmente no campo da autoavaliação os alunos atribuíam notas menores a si do que a dada pelo professor, conforme Figura 4, com exceções havia também os estudantes que na esperança que lhes fosse atribuída a nota da autoavaliação assinalavam a nota máxima. A autoavaliação num primeiro momento não era considerada na nota final, pois tratava-se mais de uma curiosidade em relação as notas que vislumbravam e um momento de pausa para pensarem na avaliação do próprio trabalho, seu entendimento e compromisso. Quando havia grande discrepância, separava o trabalho e conversava com o estudante.

O item que menciona a avaliação do professor já era o espaço no qual assinalava-se a nota final da avaliação, resultado da soma dos critérios da ficha avaliativa, mencionadas anteriormente. O peso de cada item era previamente negociado com as turmas, mas geralmente valia meio ponto.

Por fim, havia um espaço destinado as observações, onde o aluno poderia informar se havia acordado algumas mudanças com o professor ou algo que ele considerasse relevante, como na ficha de avaliação preenchida por um estudante na Figura 5, no qual a aluna escreveu alertando que o trabalho foi entregue após a data acordada, alertando também algumas diferenças de tonalidades no trabalho, no qual ela escreveu: "grudou com outros, por isso precisou retocar e ficaram algumas manchas. Errei na assinatura, pois não estava na explicação, estava terminando um dos trabalhos". A pintura da Figura 6 foi realizada no pátio da instituição, Figura 7, e era a realização da atividade prática, referente ao estudo do movimento impressionista.

Após o recebimento da avaliação, alguns alunos me procuravam para conversar sobre o que não tinham compreendido da avaliação e com base nos critérios respondia a eles. Eles tinham a oportunidade de corrigir ou refazer o trabalho e entregar novamente.

A ficha teve boa aceitação e em geral os estudantes falavam que "acho a ficha interessante pq explicava a avaliação, esclarecia as coisas e deixava claro onde melhorar" (G.B em 10/02/2016); "achava essencial, pois ajudava o aluno a saber onde deixou a desejar e onde deveria melhorar" (L.CO9/02/2016).

## Conclusão

A avaliação é uma forma de poder, no qual fica explícito quem dita as regras e as seguem. Ressalto que essa ficha não foi o único instrumento de avaliação,



Curso Técnico Integrado em Agropecuária, Agroecologia e Informática  
 Disciplina: Artes Profª Emanuele C. Siebert  
 Estudante: \_\_\_\_\_  
 Conteúdo: ?

**FICHA DE AVALIAÇÃO – PRODUÇÃO ARTÍSTICA**

- 1- Seguiu a Proposta e as instruções dadas pelo professor:  
 Sim ( ) Não ( ) em partes.
- 2- Realizou as atividades em sala de aula?  
 Sim ( ) Não ( ) em partes.
- 3- As características e as técnicas do período estudado estão contempladas, como:  
 linhas ( ) Composição  Cores  Técnica  Materiais
- 4- O trabalho apresenta-se:  
 Original ( ) Estereotipado ( ) Cópia
- 5- Os seguintes aspectos na arte-final estão contemplados:  
 limpeza ( ) Acabamento  Organização dos dados

Auto-avaliação: ( ) 01 ( ) 02 ( ) 03 ( ) 04 ( ) 05 ( ) 06 ( ) 07 ( ) 08  09 ( ) 10  
 Avaliação do professor: ( ) 01 ( ) 02 ( ) 03 ( ) 04 ( ) 05 ( ) 06 ( ) 07  08 ( ) 09 ( ) 10  
 Observações:

**Figura 3** · Trabalho realizado por um estudante sobre o Fauvismo, 2015. Fonte: própria.

**Figura 4** · Ficha de avaliação de um estudante, 2015. Fonte: própria.

Curso Técnico Integrado em Agropecuária, Agroecologia e Informática  
 Disciplina: Artes  
 Profª Emanuela C. Siebert  
 Estudante:  
 Conteúdo: IMPRESSIONISMO

FICHA DE AVALIAÇÃO – PRODUÇÃO ARTÍSTICA

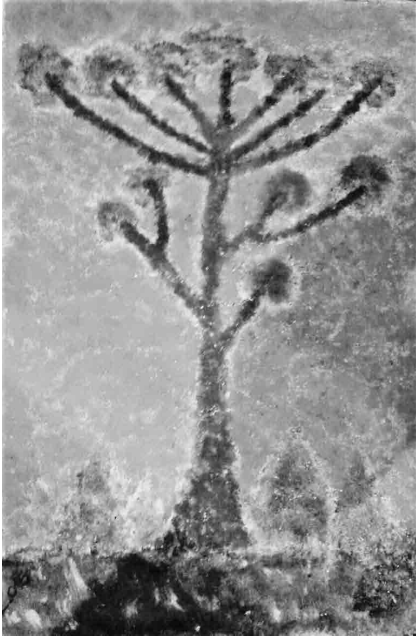
- 1- Seguiu a Proposta e as instruções dadas pelo professor:  
 Sim ( ) Não ( ) em partes.
- 2- Realizou as atividades em sala de aula?  
 Sim ( ) Não ( ) em partes.
- 3- As características e as técnicas do período estudado estão contempladas, como:  
 linhas  Composição  Cores  Técnica  Materiais
- 4- O trabalho apresenta-se:  
 Original ( ) Estereotipado ( ) Cópia
- 5- Os seguintes aspectos na arte-final estão contemplados:  
 limpeza  Acabamento  Organização dos dados

Auto-avaliação: ( ) 01 ( ) 02 ( ) 03 ( ) 04 ( ) 05 ( ) 06 ( ) 07 ( ) 08 ( ) 09  10  
 Avaliação do professor: ( ) 01 ( ) 02 ( ) 03 ( ) 04 ( ) 05 ( ) 06 ( ) 07 ( ) 08  09 ( ) 10

Observações: GRUDOU COM OUTROS TRABALHOS POR ISSO  
 PRECISEI RETOCHAR E FICARAM ALGUMAS MANCHAS.  
 ERREI A ASSINATURA POIS NÃO ESTAVA NA  
 EXPLICAÇÃO, ESTAVA TERMINANDO UM DOS  
 TRABALHOS.

9,5  
 /  
 10

**Figura 5** · Ficha de avaliação de um trabalho impressionista preenchido, 2015. Fonte: própria.



**Figura 6** · Pintura de estudo impressionista referente a ficha de avaliação da figura 5, 2015. Fonte: própria.

**Figura 7** · Pátio da instituição que serviu de referência para a realização do estudo impressionista da Figura 6, 2015. Fonte: própria.

houve outros instrumentos de avaliação dos trabalhos visuais, mas que surgiram a partir dessa ficha. A ficha tornou as avaliações mais rápidas, de critérios mais claros para os estudantes e no qual pudéssemos dialogar sobre. Além de boa aceitação e compreensão dos estudantes, os pais também ficavam surpresos quando viam que a avaliação era baseada em critérios bem definitivos. Não tive mais problemas com alunos que ficavam descontentes com a avaliação do trabalho.

A escola é um jogo de poder e que pelo menos as regras sejam claras aos jogadores. Infelizmente na avaliação constam critérios relacionados a disciplina, o que denota uma relação controversa, pois não deveríamos ter que, enquanto docentes, nos preocuparmos com questões disciplinares e tão pouco utilizar a avaliação como punição ou medição de alguns comportamentos. Apresento o relato de experiência como ponto de partida para discutirmos instrumentos de avaliação no ensino da arte e minimizar algumas dessas aflições, tão recorrentes na profissão docente. Ao escrever sobre as fichas avaliativas, pude refletir e analisar as contradições presentes na minha prática docente, pois criei uma ficha avaliativa que tem como foco as questões formalistas, justamente para avaliar os movimentos artísticos de vanguardas, que geraram uma ruptura no sistema artístico formalista.

O sistema criado, das fichas avaliativas, elevou o status da disciplina de artes perante as demais, inclusive as disciplinas da área profissionalizante. Era comum ouvir dos alunos que a disciplina era difícil, pois além de exigir uma percepção visual em que eles teriam que diferenciar os movimentos artísticos pelas imagens, haviam os conteúdos históricos, bem como o trabalho prático. Podemos dizer que é um ponto positivo, pois ela se iguala as demais disciplinas, por ter critérios mais objetivos e claros sobre a avaliação. Entretanto, mais do que nunca, acaba por apenas reproduzir um conhecimento definido, dando pouco espaço para a criação poética e crítica, respondendo a critérios já definidos, normatizados. Mas como incitar os alunos em uma produção poética e crítica, com poucas horas semanais, muitos alunos por turma e ainda em um contexto de escola profissionalizante, no qual o objetivo maior é a de inserção no mercado de trabalho?

Inicialmente, a ficha era preenchida apenas pelo professor, posteriormente os alunos passaram a avaliar os trabalhos de colegas de outras turmas, preenchendo eles as fichas avaliativas. Uma possibilidade, seria a da construção de uma ficha de avaliação em conjunto com os estudantes, assim eles poderiam contribuir com outras características a serem avaliadas. Esse relato de experiência não termina, aponta mudanças, "ser docente é, sobretudo, assumir uma profissão moral e complexa e não uma tarefa regrada por pautas tecnocráticas ou psicologizantes (Hernández, 2005:27).

## Referências

- Atkinson, D. (1998) Cultural production of ability in drawing. *International Journal of Inclusive Education*, 2(1): 45 -54,
- Atkinson, D. (1998) *Teachers, Students and Drawings: Extending discourses of visuality, Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, 22:1, 67-79, 2001
- Bourdieu, P; Darbel, A. (2007). *O amor pela Arte: Os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Edu; Porto Alegre: Zouk, Trad: Guilherme João
- de Freitas. 2.ed. .69-11.
- Efland, Arthur (1976) *The School Art Style: A Functional Analysis*. National Art Education Association: Studies in Art Education, Vol. 17, No. 2 pp. 37-44P.
- Hernández, Fernando (2000). *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed.
- Hernández, Fernando (.). (2005) *A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais*. Santa Maria: Ed. UFSM.